

O PROCESSO SOCIAL EM AS *FILHAS DO ARCO-ÍRIS*: O CÔMICO E AS RELAÇÕES ENTRE O CEGO, O BÊBADO E O DOIDO

Doutorando Eldio Pinto da Silva¹ (UFRN-UERN)

Resumo:

Análise do processo social no romance As Filhas do Arco-Íris (1980), destacando-se a valorização do cômico através das relações entre: o cego, o bêbado e o doido, seja por seus vícios, condições sociais ou dificuldades. Na vila, o comportamento das pessoas é de distanciamento diante dos excluídos, é a rejeição às condições de vida em virtude da ausência de valores físicos, sociais e psicológicos. É assim que eles se tornam propensos a criar fantasias e dar sentido à realidade. O riso se move por toda parte, sugerindo a liberação do censurado, permitindo transcender os limites da razão. Ao longo da análise, procura-se também estabelecer considerações com personagens excluídos de Primeiras Estórias (1962), de Guimarães Rosa, texto fundamental da moderna narrativa brasileira. A pesquisa tem como suporte teórico os seguintes autores: Antonio Candido, Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Henri Bergson, Concetta D'Angeli, Guido Paduano, Diderot e outros.

Palavras-chave: Inter-relações e processo social, Cômico, Literatura.

1 Introdução

A valorização do cômico no romance *As Filhas do Arco-Íris* é utilizada através das relações entre as personagens: o cego, o bêbado e o doido, eles fazem de suas peripécias motivos de riso para a comunidade. Eles compartilham momentos, criam ideias e dúvidas e convivem com alegria de Gurinhata. E como destaca Antonio Candido: “A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.” (CANDIDO, 2007, p. 26). Já Henri Bergson salienta: “O que a vida e a sociedade exigem de cada um de nós é uma atenção constantemente vigilante, a discernir os contornos da situação presente, é também certa elasticidade do corpo e do espírito, que nos dê condições de adaptar-nos a ela.” (BERGSON, 2007, p. 13).

As representações dizem respeito aos indivíduos (personagens) que participam da sociedade, vivendo ações, reações, encarando a realidade. Essa realidade reúne problemas e dificuldades e a vontade de transformar e explicar suas condições. Muitas vezes isso causa um efeito cômico, pois em determinadas situações elas vivenciam a experiência, o conflito, o embaraço, a alegria. O riso pode ocorrer e ser produzido pela afirmação ou pelo consentimento das personagens ou pelo aspecto físico, psicológico, por uma reação, um desejo, um vício, uma mania, a criação de uma fantasia, tudo causa uma impressão, uma comunicação, que pode gerar o cômico. Pode-se dizer que no romance em questão, o cômico se baseia nas relações das personagens, na manifestação de uma atitude, na criação de imagem grotesca, num gracejo, etc. No trecho a seguir, pode-se perceber isto:

Hora da tia Jana procurar ovos de guiné. Ah, parece que a diaba da bebe-ovos andou por aqui? Tou fraca! Tou fraca! Mania de tia Jana. Ovos de galinha, de guiné, de passarim e de tudo que é bicho que põe. Ri-se o doido do maluco? Pobre tia Jana! As más-línguas se amiúdam. E os maus olhos? Olham, reolham, tresolham. (LACERDA, 1980, p. 10).

¹ **Doutorando em Estudos da Linguagem – Literatura Comparada.**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Revisor de Texto

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

E-mail: eldiopinto@hotmail.com

Na narrativa, o cômico aborda o desvio das personagens de Gurinhatá, a mania de tia Jana em recolher ovos de todo tipo de ave sem fazer qualquer seleção faz os moradores zombar de suas atitudes. Às vezes, tia Jana causa risos em Pedro Gago, principalmente quando pega ovos de lesma, nessa relação um louco critica o outro por fazer coisas que considera incoerente. O narrador se questiona quanto ao riso “Ri-se o doido do maluco?” D’Angeli e Paduano afirmam:

O louco tem em comum com o pensamento racional o arcabouço formal, usado de maneira diferente e com fins diferentes, mas com o mesmo rigor; o tolo tem com a razão uma relação quantitativa: faz dela um uso descomposto, incompleto e fragmentado. (D’ANGELI & PADUANO, 2007, p. 19)

Na vila, o comportamento das pessoas é de distanciamento diante dos excluídos, entre eles: o cego, o bêbado e o doido, há certa rejeição às condições de vida destas personalidades em virtude da ausência de valores físicos, sociais e psicológicos. Em virtude dessa ausência, os moradores não admitem que eles abalem a hierarquia com o coronel Titudô, o padre Santo e Pai Estêvão, sendo que com o último, as atitudes dos três têm uma relação mais agravante devido ele ser de idade mais avançada. É assim que eles se tornam três elementos propensos a criar fantasias e dar sentido a realidade nas relações sociais.

Quando se tenta compreender uma personagem, seja por uma conversa, um ato, uma afirmação, uma informação, normalmente se permite a um conhecimento de sua conduta ou uma noção de como este se comporta. Antonio Candido (2007, p. 41) reflete que, por sua natureza, os seres humanos são misteriosos, inesperados e que a psicologia moderna tem ampliado e investigado de forma sistemática as noções de subconsciente e inconsciente, o que explicaria reconhecer o que há de insólito nas pessoas e o que surpreende a todos, é como se outra pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e de existência.

Na sociedade, as pessoas observam uns aos outros e é muito comum que riem de quem caiu por causa de um tropeção, riem de alguém que corre com medo de um doido como também do segundo. Riem do que as pessoas falam em respostas a uma pergunta com o tom de uma piada e outros recursos cômicos. Para Henri Bergson:

Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade, é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social. Essa será – convém dizer desde já – a idéia diretiva de todas as nossas investigações. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERGSON, 2007, p. 6).

O riso é um elemento importante na sociedade, principalmente pelo divertimento, pela condição de poder relacionar ideias e ações, o riso tem sua função social, conforme destaca Bergson, pela sua significação. O riso se move por toda parte, sugerindo a liberação do censurado, permite transcender os limites da razão. É na razão que se encontra o imaginário e com ele o narrador cria, recria, reordena e reconstrói os momentos de diversão, a afetividade, atribui sentido às coisas e à natureza, altera a ordem da realidade, percebe o mundo e a fantasia.

Na vila, as pessoas reagem com certa rejeição às ações do bêbado, do cego e do doido, isso ocorre em virtude da ausência de valores sociais, isto é, são sujeitos que possuem cerceamento de direitos pela condição social, por motivações políticas. Por causa destas ausências, algumas pessoas não aceitam que eles interfiram nas atitudes e afirmações das autoridades que representam o Padre Santo, Pai Estêvão e coronel Titudô, mas mesmo assim eles participam da comunidade. O cego, o bêbado e doido são representações sociais que se apresentam através de personagens que tentam interpretar a realidade e constituem no texto figurando imagens, personagens, habitando lugares, criando fantasias. De suas relações se processam os conceitos de loucura, cegueira e alcoolismo, elementos que conduzem o imaginário do menino que narra *As Filhas do Arco-Iris*.

Este artigo analisa representações da loucura, cegueira e do alcoolismo, visando estabelecer aspectos cômicos que envolvem Pedro Gago, José Formião e Damião. Também será feita observações sobre a temática considerando a obra *Primeiras Estórias*.

1. O cego Zé Formião

A vida de Zé Formião é registrada no Episódio 7 (Névoas), o narrador destaca o que acontece na infância e o relacionamento de Zé Formião com a mãe e a mulher. Assim, retrata a convivência de Zé Formião com a comunidade, a idade, a relação conjugal, os problemas que sofre por ser cego, as atividades que consegue desempenhar na vila, as complicações e implicações com Padre Santo, etc. É importante destacar que Formião sentiu a cegueira nos primeiros anos de vida, quando aos nove anos acontece esse fato muito triste que o impediu de realizar o sonho de entrar no cangaço. O narrador explica como sucede a cegueira:

Quando menino (lembra-se), o que ele mais gostava de ver era, nessa época, as árvores e as águas do açude amanhecerem cobertas daquela fumacinha branca que se estendia como um lençol. Manhãs friorentas de fim de inverno e ele via tudo e tudo era motivo de alegria. De bodoque em punho, perseguia os passarinhos e assistiu, mais de uma vez, à luta de uma cauã matando uma cascavel. Santana é o mês das névoas, dizia sua mãe, e, também do aniversário dele. Hoje completou quarenta anos. Cegou tinha nove. Foi dormir (diz) vendo e, ao despertar, não viu mais até hoje. Gota-serena? A mãe levou-o ao Doutor Leão em Barbalha e este confirmou a amaurose. (LACERDA, 1980, p. 50-51).

Quando Formião era menino costumava perseguir os pássaros com sua atiradeira, observava o clima, atentando para o inverno, o efeito das chuvas com as cheias dos rios e açudes, o amanhecer e a formação de névoas. É possível identificar que, conforme a narrativa, o inverno no sertão é caracterizado, principalmente, pelas baixas temperaturas durante a noite e o amanhecer costuma-se perceber o ar mais aquoso, esse clima muito denso obscurece a atmosfera formando as névoas.

Formião foi dormir e ao acordar não viu mais a luz do dia. Ainda jovem, a mãe consultou um oftalmologista, que constatou uma lesão grosseira nos olhos, o que causou a cegueira. O cego completara quarenta anos e, com o tempo, havia se acostumado com os problemas ocasionados:

A sina de uns quem determina é Aquele lá de cima. Não fosse cego, bandido seria pior do que Corisco. Anh. Pai não conheceu. Diz que este abandonou a mãe gestante, de sete meses. Não chegaram a se casar e a mãe, depois que ele nasceu, não quis mais saber de homem até passar desta para a outra. Herdou o nome do avô — José Formião, vaqueiro e jagunço nas horas vagas. Homem feito, veio com a mãe para a vila. A mãe era lavadeira e ele desde cedo aprendeu a fazer gaiola para passarinhos e vender nos dias de feira. (LACERDA, 1980, p. 51).

O narrador destaca que a sina de algumas pessoas é definida pela ação divina, como se o ser humano não tivesse o poder de ter seu livre arbítrio, como se o homem não pudesse fazer o que bem entendesse. É importante destacar que antes de se tornar cego, Formião sofreu o abandono do pai, foi seu primeiro obstáculo na vida, que deixou sua mãe gestante e nunca mais deu notícia na região. Outra atividade do cego é pedir esmolas, essa é uma das formas de compartilhar seus problemas, recebendo moedas de quem sente piedade da sua condição:

Pedir esmolas? Humilhação. Fica sentado na calçada da igreja e um e outro conhecido passam e dão uma moeda para ajudar o ceguinho. Outras vezes, são pessoas estranhas, principalmente nos dias de festa. Que Deus lhe pague, senhor ou senhora! Acha que quem dá esmola é quem tem encargo na consciência e quer se descartar. (LACERDA, 1980, p.51)

O cego pedia esmolas, ficava todos os dias esperando passar alguém para dar-lhe um trocado, era um ação humilhante, mas como não conseguia recursos para se sustentar, se tornava uma maneira de ganhar dinheiro. Quando era dia de festa, o cego se preparava para ir ao novenário, sentar à frente da igreja, esperar que lhe dessem uma moeda e ouvir os sermões do padre e os segredos e confissões dos fiéis. Quando recebia uma doação, o cego sempre agradecia e imaginava que as pessoas faziam aquilo por sentir o sofrimento de um pobre homem sem visão.

Apesar de não possuir a visão, o cego também tem suas curiosidades, as palavras do padre sobre os solstícios e equinócios chamam bastante sua atenção, mas imagina não ter muita utilidade para o dia a dia das pessoas. Segundo Diderot, em *Carta sobre os Cegos*:

A beleza para um cego não é senão uma palavra, quando está separada da utilidade; e com um órgão a menos, quantas coisas cuja utilidade lhe escapa! Os cegos não são ralmente

dignos de pena por não considerarem belo senão o que é bom? Quantas coisas admiráveis perdidas para eles! O único bem que os compensa dessa perda é de ter idéias do belo, na verdade menos extensas, mas mais nítidas que os filósofos clarividentes que trataram delas longamente. (DIDEROT, 1985, p.4).

Em *Primeiras Estórias*, há duas referências a personagens cegos, no conto “Um moço muito branco” e “A benfazeja”. No caso de “A benfazeja”, a cegueira no personagem não é natural, mas provocada. Cabe destacar no conto a trajetória de Mula-Marmela, uma mulher detestada pela comunidade, principalmente pelo fato de assassinar o marido Mumbungo e também teria sido responsável pela cegueira do enteado Retrupé de quem tornara-se guia. O nome da personagem traz a ideia de uma mulher estéril, desonesta, vingativa. Ela comete crimes contra dois personagens: Mumbungo, seu companheiro, e o enteado, Retrupé, que primeiro é cegado pela madrasta e depois morto. O narrador destaca:

O cego Retrupé era filho do finado marido dela, o Mumbungo, que a Mula-Marmela assassinara. Vocês sabem, o que foi há tantos anos. Esse Mumbungo era célebre-cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias. Esse nunca perdoou, emprestava ao diabo a alma dos outros. Matava, afligia, matava. (ROSA, 2006, p. 178).

A cegueira de Retrupé torna-se uma alternativa de mudança nas ações do jovem, assim o sacrifica a vagar isolado, de sentir a necessidade de ajuda, então Mula-Marmela torna-se os olhos do cego Retrupé. Retrupé, sem ter mais sua visão, passa a pedir esmolas. Sempre aparecia na igreja trazido pela Mula-Marmela que o conduzia firme:

O cego pedia suas esmolas rudemente. Xingava, arrogava, desensofrido, dando com o bordão nas portas das casas, no balcão das vendas. Respeitavam-no, mesmo por isso, jamais se viu que o desatendessem, ou censurassem ou ralhassem, repondo-o em seu nada. (ROSA, 2006, p. 177).

Retrupé é conduzido por Mula-Marmela pela cidade a pedir esmolar, mas sentia como se fosse uma obrigação as pessoas doarem suas moedas, logo passa a ser temido e odiado que chegam a lembrar de seu pai. As doações conseguidas por Retrupé eram subtraídas por Mula Marmela, pois ela era os seus olhos, tendo de seguir seus passos. O cego Retrupé era um homem de alta estatura, forte, insensível. O cego tinha o pensamento de fazer o mal, intimidava as pessoas, que temiam por imaginar o quanto seria perigoso se pudesse ver.

O cego em “A benfazeja” sente a vontade de praticar o mal, de obrigar as pessoas a praticarem doações, esse sentimento tem um sentido provocador, pois ele não vê quem passa, apenas pressente a presença dos transeuntes. Mula-marmela é sua guia, ela tenta fazer com que ele mude os hábitos, mas é em vão, o que a obriga matá-lo. Em *As Filhas do Arco-Íris*, Formião sente o desejo de ser mal, de entrar para o cangaço, mas a cegueira o transforma em um homem pacífico.

A religiosidade é uma característica dos cegos, eles sempre estão próximos da igreja, nas calçadas pedindo esmolas, frequentando o novenário, ouvindo os sermões dos padres. Em “Um moço muito branco”, o moço olhou o cego e lhe entregou uma semente desconhecida, que depois de algum tempo analisando o objeto não o reconheceu, logo ao ser avisado que se tratava de uma semente e que não servia para comer. É comum que ao receber um objeto, os cegos analisem o que seja. Através do tato, examina minuciosamente, caso não consiga identificar, muitas vezes, coloca na boca para avaliar se é metal ou alimento.

O cego em “Um moço muito branco” possui um menino guia que o levava para todos os lugares, mas que fazia praça em frente à igreja e pedia esmolas para todas as pessoas que passavam. O cego muito cuidadoso guardou a semente e só veio plantá-la meses depois. Com o tempo, daquele gérmen surge flores que nunca tinham sido percebidas na região. O cego percebe as simetrias das moedas que lhe entregam e ao receber a semente ficou na dúvida quanto a especificidade do objeto, sendo advertido pelo seu guia. Ao plantar a semente, o cego Nicolau ouviu muitas palavras admiráveis à respeito da flores que nasceram. Ao germinar a semente, as flores se tornam sinal de bênçãos, símbolo da luta pela sobrevivência. A semente tem uma simbologia muito importante na

vida, transmite a ideia de renovação, de mudança, de germinação e proliferação com frutos. Embora, pequena, a semente ao ser plantada teve uma capacidade enorme de germinar, de produzir quantidade de grãos e de gerar as flores.

Ambos os cegos, José Formião e Nicolau, de *As Filhas do Arco-Íris* e de “Um moço muito branco”, respectivamente, são assíduos usuários da calçada da igreja para pedir esmolas, Nicolau precisa do auxílio de guia, que normalmente fala o que ele recebe de donativo. Formião se conduz pelo som, ruído dos objetos, e tem a habilidade de falar o que pensa e não tem medo de ameaças, parece que a falta da visão é a maior punição que já teve, assim é conhecedor de toda vila andando apenas com sua bengala, enquanto que Nicolau anda com seu guia, o narrador não especifica se há algum grau de parentesco entre os dois.

As condições dos cegos são de extrema pobreza, suas limitações os impedem de poder trabalhar, de ser o que desejam ou de fazer o que um homem são é capaz. Os cegos demonstram ter problemas, seja nas relações com outras pessoas ou nas dificuldades que sofrem para se deslocar e que pedir esmolas é uma das ações mais comuns e o narrador é uma voz social que procura dar visibilidade as representações sociais.

2. O bêbado Damião

Todas as pessoas sentem necessidade de participar de um grupo e de pertencerem a determinado lugar, Damião costuma beber na venda de João Dadau e sua maior necessidade é a aguardente, na roda de fofocas torna-se importante, porque essa condição infere a ele um sentimento de identidade, oferecendo momentos felizes ao compartilhar coisas boas ou problemas do cotidiano. Damião sofre problemas sociais por causa do excesso em utilizar bebidas alcoólicas, ele anda cambaleando pelas ruas, com as roupas sujas e amarrotadas, não costuma estar limpo, dificilmente toma banho, fala coisas que ninguém da vila dá confiança.

E o bêbado Damião não dorme só pensando em beber, qualquer motivo traz uma ansiedade tomar mais um gole de cachaça. No meio da noite, ele observa Vina entrando na igreja e fica cantarolando o tema “burrinha de padre” pelos quatro cantos da vila. Isso causa revolta no coronel Titudô, primeiro por saber que Guabiraba anda falando mal de sua filha e, segundo, pelo fato de Damião andar bêbado pela vila cantando a cantiga “Burrinha” em relação a Vina. Titudô até pensa em punir o bêbado, mas não vê razão para isso, pois lembra que Damião só fazia mal a cachaça que bebia:

O bêbado Damião: Tem gente trocando os amanheceres pelos anoiteceres. A cantiga:

Minha burrinha bebe vinho,
bebe também aguardente...

O sino da igrejinha é a voz de padre Santo na hora do ângelus. O negro Guabiraba anda batendo com a língua nos dentes. Féla-da-puta. Burrinha-de-padre é a mãe. Aquele bêbado está precisando também de umas pauladas.

Arrengo deste bicho
que tem vício feito gente. (LACERDA, 1980, p.12).

Damião tem dificuldade na pronúncia das palavras e a voz arrastada, ele não consegue falar seriamente, o coronel Titudô pouco se importa em puni-lo por dizer que a filha está saindo de casa à noite e se encontrando com o padre, desse modo, o coronel não dá muita atenção aos seus comentários. E na venda de João Dadau, o maior divertimento era ouvir o bêbado, sempre lhe oferecendo mais cachaça para que falasse de suas observações no meio da noite e das aventuras para “Apanhar, de noite, a estrela dalva que dançava na poça da chuva e vender a João Dadau por uma de cana.” Nas andanças do bêbedo, tudo servia para trocar por uma dose de cachaça.

A comunidade presencia os efeitos do excesso de álcool em Damião, isso altera o seu comportamento e suas atitudes: a fala enrolada, o andar trôpego e os lapsos de memória em relação aos acontecimentos da vila. No meio das brincadeiras no bar, o bêbado Damião não se distrai, gosta de ouvir as conversas das pessoas e saí falando o que ouviu, só que numa roda de fofocas, ele comenta um fato para aumentar o boato e se torna atração, divertindo os frequentadores da venda. É

assim que o bêbado exerce um papel de transgressor do sistema social dominado por Titudô, principalmente por nunca estar em estado de sã consciência.

Damião gosta de ficar na praça, sempre que não consegue sair para ir a venda de João dadau, ele fica caído à sombra de um oitizeiro. Ao redor apenas os pássaros cantando e bois ruminando. As pessoas passam, mas nem dão conta de sua presença, quem o vê no chão ri da figura grotesca que representa: “Acham até graça do miserável ali, coberto de moscas e dois fios de baba escorrendo pelos cantos da boca. Mais tarde, quando acordar, aos tombos (nunca mais conseguiu fazer um quatro), volta ao mesmo destino: a venda.” (LACERDA, p. 85). Mas Damião não era assim, o consumo de bebidas transformou-se num grave problema, sua vida era cheia de esperança:

PARA AS MÁGOAS ESQUECER... Todo bêbado não tem a sua história? Em Solidade tem um que desde o dia do passamento da noiva (febre tifo), e isto há anos, nunca mais viu navalha na cara nem tesoura nos cabelos e nas unhas. Quem o vê pela primeira vez, pensa que é um monstro vindo de outro planeta ou das regiões abissais. Diz que todas as noites, bêbado, vai dormir no cemitério sobre a sepultura da amada. CANTO E BEBO PELA RUA... Mulher também foi o infortúnio de Damião (dizem). A Hersília. O caso foi que, no mês que eles iam se casar, enxoval já pronto, a Hersília saiu uma boquinha de noite para apanhar água no riacho e não voltou mais. Restos do vestido sujos de sangue encontraram depois na aba da serra, perto da furna do canguçu. É CERTO QUE MEU SOFRER... As moscas. Os fios de baba pelos cantos da boca. E a estrela dalva da poça d'água da rua? Vende por uma de cana a quem mais der. O doutor já disse se ele parar de beber morre. Quem nesse mundo não bebe, no outro é. (LACERDA, 1980, p. 85-86).

As causas responsáveis pelo aumento do consumo de álcool foi devido ao sofrimento pessoal, a perda do amor de sua vida, mas também dos incentivos das pessoas para que bebesse para esquecer. Assim, a socialização parecia ser resolvida com a bebida. O ato de beber faz com que Damião fique próximo das pessoas, é como atividade social, normalmente ele estabelece relação com os frequentadores da venda bebendo e falando coisas que surpreendem a todos.

Na realidade, Damião e sua dependência em relação ao álcool o tornou um homem com problemas na interação social, de dificuldades na saúde e poderia muito bem submeter-se a tratamento, assim vai sendo excluído devido à sua opção de vida. A forma como vive não agrada as autoridades, que o responsabiliza por inventar a estória da burrinha de padre aos quatro cantos da cidade, para alguns frequentadores veem as atitudes de Damião como ato heroico, outros pensam que o bêbado não tem nenhuma virtude quando fala mal do padre e da filha do coronel.

3. O doido Pedro Gago

Pedro Gago tem um comportamento desequilibrado, o narrador se refere a ele como o doido da vila. Na narrativa, ele mostra um sentimento exagerado pelo seu chapéu, usando-o sempre. Um de seus desejos é tomar para si a moça mais bonita da vila e escolhe Ana Amália. Em Gurinhata não há controle e nem tratamento da loucura sofrida por alguns de seus moradores, nem solução para resolver o problema social gerado pelo louco. Assim, a relação entre o doido e os moradores da vila, às vezes, é um pouco conturbada e por isso suas ações se tornam motivos de riso.

É comum que o louco precise de apoio, da participação pública, da interação com outras pessoas, e não do recolhimento em instituições manicomiais, mas como fazer isso? No meio social, o louco é tratado como um inválido ou ocioso, um ser sem voz, às vezes chegam a considerá-lo um vagabundo. Em *A ordem do discurso*, Foucault destaca que:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (...) (FOUCAULT, 1996, p. 10-11).

Se imaginarmos que exista uma oposição entre a razão e a loucura, o louco seria um indivíduo que seu discurso não pode ser considerado pela sociedade, suas palavras não devem ser

transmitidas como as de quem se considera são. O discurso de um louco não vale nada, suas palavras não existem enquanto verdade, não possuem importância.

Os moradores sabem que Pedro Gago não tinha nada além de um chapéu, mas se proclamava dono de tudo, por isso todos riam ao ouvir isso. Era através desse discurso que se reconhecia a loucura, suas palavras eram investidas de ignorância, desprovidas de razão, em sentido estrito, não existiam como verdade. Dizia-se dono de lugar que já tinha proprietário, por isso nunca eram retidas ou escutadas pela comunidade. Para D'Angeli e Paduano:

Quem ri da estupidez e da loucura ri afirmando o poder da razão e, ao rir, exhibe sua própria capacidade de empregar mecanismos racionais, instrumento não só indagações mas também da gestão da realidade, além de ser um fator modelador do pacto social. (D'ANGELI & PADUANO, 2007, p. 19)

Na vila, dizem que o único objeto que não lhe pertencia era a estrela dalva da poça d'água, pois era propriedade do bêbado Damião. Nesse sentido, o louco apodera-se das fantasias criadas pela imaginação e age em consonância com a lógica do seu universo, ele crê ser verdadeira as suas vontades. Essa necessidade de criar seu próprio universo e guiar-se pelas suas regras. Segundo Gislene Barral, “Freud pressente na arte, assim como na loucura, o poder de criar fantasias, que são medidas paliativas para se suportar a vida, por demais árdua, e afastar transitoriamente as pressões de uma realidade desprazível.” (BARRAL, 2001, p. 18).

As pessoas riem porque o “doido da comunidade” motiva uma brincadeira e outra pela vila, os meninos na rua caçoam dele que não se dá por vencido e continua a fazer suas peripécias para ter Ana Amália em seus braços pela força. É importante ressaltar que, conforme, Benjamim: “... o brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio.” (BENJAMIN, 2002, p. 85). Diante das brincadeiras, Pedro Gago se sente mais seguro ao andar sozinho do que quando estar acompanhado, ele sente que quem quer andar com ele é gente sem credibilidade, e se alguém quiser testemunhar sua proeza de sequestrar Ana Amália precisa ser de sua confiança. Rimos de várias coisas, de atitudes, de situações e até do uso de um chapéu. Henri Bergson destaca que: “Rimos de um chapéu; mas então não estamos gracejando com um pedaço de feltro ou de palha, mas com a forma que os homens lhe deram, com capricho humano que lhe serviu de molde.” (BERGSON, 2007, p. 3). O engraçado é que Pedro Gago imagina-se ser o dono de todas as coisas da vila. O narrador destaca:

Dele eram as casas da vila, a igreja, o cemitério, as propriedades vizinhas e seus moradores, o gado, a criação miúda da região, as águas do rio e todos os peixes. Só não lhe pertencia mesmo a estrela dalva da poça d'água da rua, porque essa era propriedade exclusiva do bêbado Damião. E as menagens? Todo mundo não tinha que prestar? Até o coronel Zé Pereira das Princesas. Funh. Redemunhinzim atrevido! Quem tinha lhe dado ordem pra passar por aqui, fazendo estrago? Quem? E o seu chapéu de estimação adonde diabo tinha ido parar? Tesconjuro, peste! Redemunhinzim mais desaforado! O chapéu devia de estar enganchado no olho dum pé de pau, por aí, na catinga. Ia atrás. (LACERDA, 1980, p. 18)

Pedro Gago acredita ser uma autoridade, dono de muitas posses, não admite que falem que não possui nada. O desejo de Pedro Gago era enfrentar todos que caçoam dele, criar uma guerra contra os moradores de Gurinhatá e usar de seu poder para expulsar quem não lhe obedecesse. Ao sentir que está sem o chapéu, o doido imagina ser uma brincadeira de menino aquilo do chapéu voar no meio da rua e cada vez que se aproximava ele voava novamente. O louco cria sua imaginação, que é fruto da insanidade, age de acordo com a “lógica” desse universo irreal que o circunda. No artigo “Vozes da loucura, ecos na literatura”, Gislene Barral afirma que:

A loucura é a rejeição da exterioridade rumo ao mergulho no mundo da imaginação, onde reina a total liberdade, onde o ser se volta profundamente para seu interior, num gesto de desvencilhamento de todas as convenções e posturas sociais e numa reação à normalização. No que tange à razão, esse movimento significa o aprisionamento ontológico, a supressão da faculdade do pensamento, a redução do homem à animalidade. (BARRAL, 2001, p. 23).

Pedro Gago cansa de repetir o caminho e adormece. Ao dormir, Pedro Gago sonha uma aventura em busca de Ana Amália e seu confronto contra São Jorge e o dragão. A aventura ocorre

como um conto de fadas, Pedro Gago se transforma em príncipe que terá que buscar sua princesa presa no castelo e enfrentar o dragão de São Jorge. Os cavalos corriam como se fossem alados e ao se aproximar do palácio, São Jorge intercede, impedindo que ele se aproxime de Ana Amália, escolhida para ser rainha de seu reino. Há no trecho um jogo de sentido que representa o imaginário, quando se narra as fantasias do doido em relação ao seu desejo de tomar Ana Amália como sua esposa e o real, que conduz ao que realmente está acontecendo:

Noutro dia, Pedro Gago entrou na vila, esfarrapado, com uma coroa de cipó na cabeça e dando logo um prazo de vinte e quatro horas pra Titudô e padre Santo desocuparem o casarão e a igreja. Zé Formião, o cego, teve um frouxo de riso que perdeu a metade das moedas que havia recebido de esmolos. (LACERDA, 1980, p. 23).

No imaginário do doido, a aventura, o fantástico vivido no sonho. O desejo de encontrar Ana Amália e o inesperado desafio com São Jorge. Tudo não passou de um sonho, pois quando acordou e se deu conta que estava cansado, todo em frangalhos e ainda haviam colocado um ornamento em sua cabeça como se representasse uma coroa, a revolta do doido foi maior. A cena, apesar de trágica, causa muito riso, principalmente pela ação de mandar as autoridades, Titudô e padre Santo, saírem de Gurinhata.

A representação da loucura também está presente em *Primeiras Estórias*. É possível perceber essa característica no conto “A terceira margem do rio”, quando conta sobre o pai que decide abandonar a família para morar na terceira margem do rio. Isso caracteriza como uma atitude para tentar se cuidar dos problemas psicológicos. Assim, ele manda construir uma canoa, uma canoa especial que pudesse ser bem resistente. A mulher não gostava muito da ideia, imaginando que o homem não estava muito bem da cabeça ou que queria vadiar com atividades como pescaria e caçada. O homem vê, ouve, mas não reage a nada, geralmente é filho quem toma a posição de cumprir os desejos do pai, destacando-se a construção da canoa. A casa, bem próxima do rio, um rio extenso que não se percebia a outra margem:

Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta. Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. (ROSA, 2006, p. 79-80).

O homem busca a solução de sua loucura indo morar numa canoa, por um momento pensa que assim sumirá suas inquietações e tranquilizará a si e a família. A loucura é retratada no comportamento do homem, que age de uma maneira que os pensamentos, os sentimentos e ações eram se encaminhar para o isolamento. Ele não busca orientação para tentar resolver o problema, o filho tentava dar assistência, mas não conseguia, a solução seria a separação da família e que nem o filho ou a mulher interferissem na sua decisão. É assim que o texto de Guimarães Rosa tenta manter em segredo o porquê de o homem decidir se isolar da família, não afirmando nem negando a existência dos problemas psicológicos, o filho sempre evita falar sobre isso.

O chapéu era como um elemento necessário, representa a vitalidade, a espiritualidade em contraposição a loucura. O juízo podia ser suscitado pelo uso do chapéu:

A gente teve de se acostumar com aquilo. As penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos - sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas iúia e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. (ROSA, 2006, p. 82).

Em que lugar se alojar, onde se esconder de tudo e de todos, o que fazer para que não percebessem seus problemas. É por isso que o rio se torna o melhor lugar para abrigar o homem, ele sente que ali poderá enfrentar os distúrbios psicológicos por se aproximar da natureza, tanto que se

dedica em ficar distante de todos, observando o curso natural do rio. As suas faculdades mentais, apesar da loucura, não apresentam agressividade, mas o mesmo sente que, por suas condições, não há como conviver com seus familiares, por isso seu destino é desaparecer.

Se afastar da família não é uma atitude para evitar os conflitos nem conhecer a si mesmo, mas para prevenir contra futuros ataques de loucura. Desse modo, há um profundo desejo em não revelar os distúrbios psicológicos do pai, que se dispõe desaparecer do convívio social como solução para as dificuldades que enfrentaria com a família. O homem quer lançar seu destino fora de casa, para viver no rio é ficar fora da vida corporal, é conviver com tudo que a natureza humana aspira, é algo transcendental. É tornar suas perturbações em um ambiente eterno e universal. O filho não expõe, mas a loucura toma conta do pai, assim evita revelar sobre o que teria acontecido. Para Alexandre Daros Vieira:

A “doideira”, a loucura ganhou, historicamente, o status de doença mental, sendo, portanto, como e enquanto doença, passível de cura, de terapêutica, de auxílio profissional qualificado. Sendo assim que outro profissional se qualificaria mais que o médico, detentor do conhecimento articulado na malha de saberes da medicina, em sua especialização psiquiátrica, para o tratamento desta “doideira”? Apesar disso, em momento algum o conto alude a este profissional ou ao seu saber específico. Antes, as instâncias sociais articuladas e reunidas pela mãe, para tentar re-encaminhar este “doido-pai” ao convívio social, são da ordem de uma organização sócio-moral e religiosa, de uma “cura” muito mais sustentada no plano organizacional-coercitivo, que no plano médico-terapêutico. (VIEIRA, 2005, p. 12).

A loucura, no texto em questão, é tomada como algo inexplicável, a verdade é que há perturbação mental do narrador em evitar a palavra, por isso o leitor não pode constatar a consequência do isolamento do pai, mas é possível notar que o filho sofre algumas perturbações por sentir que não pode ajudar o pai como gostaria. O narrador destaca:

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. (ROSA, 2006, p. 84-85)

A loucura chega ao ponto de desencadear um não-lugar, um lugar sem destino, um abrigo para se tratar da males que afetam a consciência. O homem rejeita o mundo exterior e as pressões da família, com os quais se sentia incapaz de conviver. Para isso, passa a fugir da realidade, entrega-se ao mundo interior que é rio, que é o mundo das águas, onde flutua com sua canoa e sua insanidade constitui no estado de espírito melancólico, pelo apego ao isolamento devido os devaneios e excessos da sua neurose. A memória do narrador não explica a permanência da loucura e seus efeitos sobre o pai, ressalta os fatos presentes como se fossem os da infância. O homem faz bom uso de sua liberdade, no desenvolvimento de sua independência familiar quanto aos cuidados, o filho ajuda, buscando recompensas, querendo tomar o lugar do pai na canoa e a memória do narrador requer um lugar no rio, quer viver à terceira margem do rio.

O tratamento narrativo de ambos os autores expõe a maneira como a representação social da loucura é estigmatizada como ser incapaz, que está distante da realidade e que precisa da atenção humana para que possibilite a socialização, que sejam libertados dos aprisionamentos, isolamentos, indiferença e da segregação.

Conclusão

As representações exercem um papel importante no dia a dia da comunidade, causam diversão, tem uma característica diferenciada de todos, que é status do cômico. Pedro Gago não tem nenhuma riqueza, mas consegue moldar seu mundo com o imaginário, o cego não consegue ver, porém tem dúvida do movimento dos astros e sabe o que vai acontecer apenas ouvindo na calçada, Damião bebendo e falando mal da filha do coronel, cantando e dormindo pelas ruas, tornou-se motivo de preocupação para os moradores por ter a língua ferina. Pai Estêvão, com o conhecimento

oral, narra com naturalidade estórias do arco-da-velha, compartilhando sua experiência e sabedoria para o menino e o leitor/ouvinte. Walter Benjamin ressalta que: “Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia”. (BENJAMIN, 2002, p.204).

Em *As Filhas do Arco-Íris*, o narrador tenta preservar os causos de Pai Estêvão, sua experiência e memória, e humor que envolve as relações entre o cego, o bêbado e doido para os leitores/ouvintes e quer recontar a história e reproduzir o cômico nas ações do cego, do bêbado e do doido e apresenta ao leitor o interesse dessas representações sociais em se comunicar, o cego à espera de alguém para falar das pessoas. Constata-se o interesse pelo comportamento humano, dos indivíduos, buscando criar um ambiente de interação social. A voz menino se une a voz das outras personagens criando uma tessitura polifônica.

O narrador conta como se tivesse controle de todos os acontecimentos do passado, do presente, momentos guardados na memória. Vozes se articulam nas lembranças do narrador, que recorda situações que envolvem o cego, o bêbado e o doido. Ao realizar essa atitude, o narrador espelha a complexidade de sua tarefa, que é a busca empreendida pelo homem pela realização pessoal, o sentido da vida. Sobre a personagem, Mikhail Bakhtin:

Ao lado da autoconsciência da personagem, que personifica todo o mundo material, só pode coexistir no mesmo plano outra consciência, ao lado de seu campo de visão, outra visão, ao lado de sua concepção de mundo, outra concepção de mundo. *À consciência todo-absorvente da personagem o autor pode contrapor apenas um mundo objetivo – o mundo de outras consciências isônomas a ela.* (BAKHTIN, 1997, p. 49).

O que se destaca nas palavras de Bakhtin é a reflexão da autoconsciência, enquanto dominante artístico da construção da personagem. A autoconsciência da personagem vive do seu caráter de imagem inacabada, em eterna formação. Contrapondo-se a outras consciências, atinge a maturidade de refletir sobre si e o mundo, através de um processo dialógico, expressando a aspectos das manifestações coletivas. Tudo serve para criar uma imagem do mundo da personagem, vivendo sua realidade, o mundo exterior e os costumes. Assim, o menino da doida cria um processo de autoconsciência, expressando uma consciência que dialoga como múltiplas vozes.

Referências Bibliográficas

- 1] BARRAL, Gislene. **Vozes da loucura, ecos na literatura**, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 12. Brasília, março/abril de 2001, p. 13-38.
- 2] BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- 3] BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10ª reimpressão, São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.
- 4] BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- 5] CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11ª ed., 1ª reimp., São Paulo: Ática, 2007.
- 6] D'ANGELI, Concetta; PADUANO, Guido. **O cômico**. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.
- 7] DIDEROT. **Os Pensadores**. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- 8] FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- 9] LACERDA, Eulício Farias de. **As Filhas do Arco-Íris**. São Paulo: Ática, 1980.
- 10] VIEIRA, Alexandre Daros. **Der Narrenkahn ou A Canoa dos Loucos: Uma Análise Literária Do Conto “A Terceira Margem do Rio” de João Guimarães Rosa**, Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, a. 1, n. 1, 2005.
- 11] ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.